



SEÇÃO: ARTIGOS

O "Átomo Invisível" na defesa dos ideais de progresso e civilização: João Gumes, Escritor-Cidadão. Caetité, 1880-1930

The "Invisible Atom" In The Defense Of Progress And Civilization Ideas: João Gumes, Citizen Writer. Caetité, 1880-1930

Diego Raian Aguiar

Pinto¹

orcid.org/0000-0002-5569-8106
aguiardiego1403@gmail.com

Recebido em: 9/12/2019.

Aprovado em: 14/4/2020.

Publicado em: 21/12/2020.

Resumo: A saída do Império e a decorrente entrada da República proporcionaram mudanças significativas no Brasil. As antigas estruturas brasileiras começaram a se romper e modificações sociais, econômicas e políticas já eram visualizadas na sociedade, pautadas, principalmente, em ideais difundidos por uma elite iniciante. Em Caetité, território do Alto Sertão da Bahia, a propagação do discurso progressista e querente de mudanças era de responsabilidade de João Antônio dos Santos Gumes, intelectual caetiteense, autor de inúmeros romances e proprietário do jornal *A Penna*. Para produção desse artigo, as ideias de Gumes foram colocadas sob análise, especialmente aquelas contidas em seu romance *Os Analphabetos* e em seu jornal *A Penna*, objetivando entender a dinâmica da sociedade caetiteense e do Alto Sertão da Bahia após a Abolição da Escravatura e da Proclamação da República. Aliás, é por defender esses dois eventos que João Gumes é, aqui, apresentado como "Escritor-Cidadão", conceito anteriormente utilizado por Pires (2011) e pautado nos estudos de Sevcenko (2003). Os estudos desenvolvidos nesta pesquisa, portanto, levam-nos ao entendimento de que o território em questão passou, também, pela dinâmica do progresso atuante no Brasil no princípio do século XX, além de proporcionar a compreensão do cidadão João Gumes, escritor em boa parte de sua vida, como combatente dos atrasos existentes que impossibilitavam a entrada dos seus sertões na "época moderna".

Palavras-chave: Alto Sertão da Bahia. Escritor-Cidadão. João Gumes. Progresso Sertanejo.

Abstract: The end of the Empire and the resulting beginning of the Republic led to significant changes in Brazil. The old Brazilian structures began to break down and social, economic and political changes were already visualized in society, based mainly on ideals spread by a new elite. In Caetité, territory of the Alto Sertão da Bahia, the spread of progressive discourse and wanting change was the responsibility of João Antônio dos Santos Gumes, Caetite intellectual, author of numerous novels and owner of *A Penna* newspaper. For the production of this article, Gumes' ideas were put under analysis, especially those contained in his novel *Os Analphabetos* and his newspaper *A Penna*, aiming to understand the dynamics of Caetite society and the Alto Sertão da Bahia after the Abolition of Slavery and Proclamation of the Republic. In fact, it is for defending these two events that João Gumes is here presented as "Citizen-Writer", a concept previously used by Pires (2011) and based on Sevcenko's studies (2003). The studies developed in this research, therefore, lead us to the understanding that the territory in question also went through the dynamics of progress in Brazil in the early twentieth century, besides providing the understanding of the citizen João Gumes, writer in great part of his life as a combatant of the existing delays that made it impossible for his backlands to enter the "modern age".

Keywords: Alto Sertão da Bahia. Citizen-Writer. João Gumes. Country Progress.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, BA, Brasil.

Introdução

Caetité, interior baiano, território do Alto Sertão da Bahia. Nesse espaço, em maio de 1858, nasceu João Antônio dos Santos Gumes, escritor, intelectual, jornalista e praticante de tantos outros ofícios durante sua vida. Os escritos produzidos por João Gumes e os artigos publicados no jornal de sua propriedade – *A Penna* – foram, aqui, tomados como *corpus* de pesquisa para o entendimento dos processos que auxiliaram a construção da “lógica moderna” nessa sociedade sertaneja.

Ao considerar os escritos de Gumes como produtos de sua inserção social e política na sociedade do Alto Sertão da Bahia dos anos de 1880 a 1930,² buscamos entender como se deu o processo de modernização dos setores nessa sociedade e como esse mesmo processo acabou por excluir classes e personagens dessa história. A construção da modernidade costuma ser um processo demorado, excludente e pautado em sociedades ditas “civilizadas”.

Assim, objetivamos observar tais aspectos em duas das suas principais produções: o jornal *A Penna* e a obra literária *Os Analphabetos*. Por mais de 30 anos, Gumes utilizou-se do periódico *A Penna* para noticiar diversos processos que marcaram a introdução de Caetité e do Alto Sertão nos “novos tempos”, termo sempre empregado pelo autor para tratar do advento da nova dinâmica do mundo.

Por essa razão, nessa pesquisa, analisamos um grande número de editoriais do *A Penna*, estes que se encontram digitalizados no Arquivo Público Municipal de Caetité.³ Em estatística,

foram analisados quase trinta anos do Jornal *A Penna*, desde o seu surgimento, em 20 de junho de 1897, até a morte de João Gumes, em abril em 1930. É válido ressaltar que aconteceram algumas pausas na publicação do jornal: em 1903 e 1904, quando, segundo seu filho Sadi Gumes, o jornal parou por conta da “injunção política de 1903 e 1904 que perturbou a vida de Caetité”.⁴ Em 5 de abril de 1910, com o completar de 100 anos da instalação da vila de Caetité, fez-se uma edição especial do *A Penna*. Até que “em 5 de abril de 1910, quando completava um século a instalação da vila de Caetité, fez ditar mais uma vez *A Penna*, para comemorar a data”.⁵ O jornal volta a sua edição periódica em 19 de dezembro de 1911, indo até 1930. Posterior a isso, surgem outras edições, porém, com outro padrão e já sem João Gumes. Por esse motivo, esses não foram analisados por essa pesquisa.

Além do jornal, outro campo em que Gumes exerceu seu dom para as letras foi a literatura. Apesar de não se considerar um literato, como por muitas vezes afirmou em seus escritos, Gumes possui uma vasta obra literária, sendo todas elas utilizadas como espaço de crítica aos problemas enfrentados pelo Alto Sertão, problemas esses que, segundo ele, atrasavam a assunção dessa região na modernidade construída pelo mundo nos séculos XIX e XX. Dentre sua obra literária, três romances obtiveram maior notoriedade: *O Sampauleiro*, *Vida Campestre* e *Os Analphabetos*, esse último tido como uma das fontes privilegiadas desta pesquisa, conforme abordado anteriormente.⁶

Pela incessante busca por melhorias e refor-

² Segundo Erivaldo Fagundes Neves (1999, p. 119), o Alto Sertão da Bahia é a “área angulada pelos rios São Francisco e seu afluente Verde Grande, que atualmente constitui partes das regiões econômicas do Médio São Francisco, Serra Geral e Chapada Diamantina [...]”. Para o autor, o povoamento e a ocupação econômica dessa região se “iniciou com fazendas de gado de Antônio de Guedes Brito, pecuária com trabalho escravo, contrariamente ao que informa a historiografia tradicional.” Antes de Erivaldo Fagundes, Gumes já definia o Alto Sertão da Bahia: “É chamado Alto Sertão da Bahia o vastíssimo território das catingas, carrascos, chapadas, charnecas, pseudomattos, que não é vestido de uniformes e pujantes florestas a que dá-se entre nós o nome de Mattas. Ahi, quer no espaço, são os contrastes mais vivos e surpreendentes e uma variedade infinita de altitudes e aspectos confudem e deslumbram (GUMES, João. *A Penna*, ano II, n. 40, p. 2, 18 jul. 1913).

³ O Arquivo Público Municipal de Caetité disponibiliza aos pesquisadores grande gama de fontes históricas, todas bem organizadas e zeladas. O jornal *A Penna* encontra-se digitalizado e para acessá-lo o APMC fornece um computador para pesquisa. Aproveito o espaço para agradecer a disponibilidade de sempre dos funcionários do APMC, na figura de Rosália Junqueira Aguiar. Sem essa Instituição, a presente pesquisa não teria acontecido.

⁴ Biografia de João Gumes, escrita por seu filho, Sadi Gumes, em 19 de outubro de 1970. O documento encontra-se no acervo da família Gumes, no Arquivo Público Municipal de Caetité – Caixa 01. Data limite 1978 a 1980.

⁵ Idem.

⁶ O romance *O Sampauleiro* foi escrito entre 1913 e 1915 e trata da imigração dos sertanejos para o polo econômico do país. São Paulo. *Vida Campestre* foi escrito em 1927 e tem como temática principal os costumes dos sertanejos e do Alto Sertão da Bahia. A obra *Os Analphabetos*, escrita em 1928, tem o objetivo de combater o analfabetismo no sertão brasileiro e se constitui numa das mais importantes críticas de J. Gumes à falta de acesso à cidadania da ampla maioria população brasileira.

mas em Caetité e no Alto Sertão é que, nessa pesquisa, passamos a considerar o escritor João Gumes como um espécime de "escritor-cidadão", ideia levantada por Fátima Pires (2011) e baseada na concepção teórica de Nicolau Sevcenko (2003), mais especificamente em sua obra *Literatura Como Missão*, na qual esse autor define os "escritores-cidadãos" como aqueles intelectuais considerados denunciadores de suas sociedades. Esses escritores criticavam o "caráter arcaico" que as sociedades mantiveram e apoiaram severamente em seus escritos as grandes "reformas redentoras" – o advento da república, a democracia e a abolição da escravidão: "A palavra de ordem da geração modernista de 1870 era condenar a sociedade fossilizada do Império e pregar as grandes reformas redentoras: a abolição, a república, a democracia" (SEVCENKO, 2003, p. 97).

Ao considerar o caráter de "escritor-cidadão" que esse intelectual assumiu em seus escritos, percebemos, de fato, características semelhantes entre o "escritor-cidadão", de Sevcenko, e o escritor João Gumes. As claras acepções de Gumes diante de temas específicos da sua sociedade e o seu tom de crítica à ausência de investimentos que impossibilitaram a construção da modernidade em Caetité, naquele período, fizeram com que Pires (2011) chegasse a essa definição.

As grandes reformas redentoras abordadas pelos escritores-cidadãos analisados por Sevcenko (2003) aparecem também problematizadas nos escritos de João Gumes: ele entende que a época moderna se dá com a "proclamação da república, em geral, e entre nós com a abolição do captivo".⁷ A modernização dos setores da sociedade brasileira é, também, outro ponto de interseção entre João Gumes e os escritores-cidadãos de Sevcenko:

E' tão extenso o período que temos percorrido, principalmente no sertão, desde os tempos coloniais até hoje que, afim de chegarmos a emparelhar com o movimento civilizador dos grandes centros geradores que nos estreitam de sua órbita benéfica, necessitamos

de galopar com grande velocidade afim de alcançarmos a vanguarda.⁸

O galope do sertão em direção à vanguarda é lento e cheio de adversidades. Gumes, em sua vida, se portou como um defensor da chegada dessa modernidade no sertão e, por outro lado, criticava fortemente a ausência de apoio, principalmente dos governantes, para possibilitar tal chegada. Por vezes, deixou claro que lutaria contra o "atraso" desse local, mesmo que acabasse por ferir pessoas ou instituições avessas a esses ideais de progresso:

Mas, como combater o atraso, como espantar as carregadas sombras que ainda, infelizmente, nos afligem a nós que advogamos a causa do engrandecimento deste pequeno torrão sem ferir susceptibilidades sem magoar chagas cuja tênue esconde as victimas o verdadeiro estado d'ellas.⁹

As críticas tecidas por Gumes em seus escritos vão de encontro à ausência dos investimentos governamentais nesse território. Segundo o autor, faltava-se quase tudo no sertão, e a inércia dos governantes na tentativa de trazer melhorias para esse local o incomodava grandiosamente. Ao se fazer uma análise histórica sobre a região Nordeste, de fato, percebemos a ausência de investimentos no interior do Brasil e notamos a consonância dos escritos de Gumes com a sociedade em que vivia.

Segundo Durval Muniz de Albuquerque, em seu livro *A Invenção do Nordeste e Outras Artes* (2009), o discurso que sempre foi feito sobre o Nordeste é aquele que diz que essa região do Brasil "estava condenada pelo clima e pela raça à decadência". Desse modo, isso perpetuou por muito tempo, inclusive entre os governantes do país, que abdicaram dessa região e concentraram seus investimentos no sul e sudeste do país.

As ideias não podem ser separadas dos seus contextos de pensamento e de escrita. O exercício do historiador é o entendimento dos contextos históricos de consolidação de uma ideia, confor-

⁷ GUMES, 2014, p. 22.

⁸ GUMES, João. O Século Entre Nós. *A Penna*, ano III, n. 46, p. 1, 5 jan. 1899.

⁹ Coronel José Antônio Rodrigues Lima. *A Penna*, Ano III, n. 65, p. 1, 5 out. 1899.

me defende Laslett (1960) em sua análise do livro *Dois Tratados Sobre o Governo*, de John Locke: "Nosso primeiro propósito deve ser um modesto exercício de historiador – estabelecer os textos de Locke como ele gostaria que fossem lidos, fixá-los em seu contexto histórico, no próprio contexto de Locke" (1960, p. 4). O pensamento de Laslett (1960) introduziria no mundo uma nova abordagem de leitura histórica das ideias, o contextualismo linguístico, abordagem que futuramente seria defendida por Pocock (1962), John Dunn (1968) e Skinner (1966).

Segundo o contextualismo linguístico, a separação entre a ideia e o comportamento impossibilitam a compreensão de determinado contexto histórico. Faz-se necessária a total relação da ideia com o cotidiano e com os eventos em sua volta. Baseado nessa abordagem historiográfica, nessa produção, os pensamentos de João Gumes, principal *corpus* de análise, são relacionados com os contextos políticos, econômicos e sociais imbricados no tempo e no espaço de atuação do autor.

Desse modo, analisamos os aspectos que rodeiam a literatura de Gumes, situando-a na conjuntura da sociedade em que foi escrita e, por isso, a sua análise é acompanhada por outras fontes do período, a exemplo do jornal *A Penna*, de sua propriedade, mas que contém muitos editoriais assinados por outros autores. Para a melhor compreensão das ideias de Gumes, portanto, associamos os seus escritos aos múltiplos contextos conectados ao seu espaço de vivência.

Consequentemente, estabelecemos a relação entre autor, literatura e contexto histórico. Esse contato com a produção literária de Gumes, mais especificamente com a obra *Os Analphabetos* (literatura), com o seu jornal *A Penna* (contexto) e, ainda, com o estudo da sua vida intelectual (autor), proporcionou a formação de uma tríade sólida para documentar e problematizar a produção intelectual de João Gumes. Ao perceber a coexistência na

temporiedade desses três elementos, realizamos a análise pretendida por essa pesquisa.

Sidney Chalhoub (2003) considera que a literatura não é o reflexo da realidade: "[...] a literatura busca a realidade, interpreta e enuncia verdades sobre a sociedade, sem que para isso deva ser a transparência ou o espelho da 'matéria social' que representa e sobre a qual interfere" (2003, p. 92-93). Para ele, a obra não precisa ser a imagem do "real" – e não vai ser essa imagem, até porque a literatura não tem esse objetivo –, porém, ao ser escrita, a visibilidade de alguns aspectos da sociedade é inerente às letras que ali se delineiam, uma vez que quem escreve a literatura é um sujeito social vivente em um determinado contexto, como citado anteriormente.

Dessa maneira, no desenvolver deste estudo, buscamos reconstituir as relações sociais, econômicas e políticas do Alto Sertão da Bahia após o advento da República, analisando parte da produção intelectual de João Gumes, mais especificamente o romance *Os Analphabetos* e o jornal *A Penna*.¹⁰

Nos trilhos do progresso

Segundo Berman (2007), em *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*, o conceito de modernidade no ocidente polarizou e dividiu a estrutura político-econômica da experiência cultural do indivíduo. Desse modo, a modernização (estrutura política e econômica) foi dissociada do modernismo (manifestações culturais do povo), não permitindo entender que as modificações estruturais da sociedade transformam a ação do sujeito no tempo e no espaço. Conforme defende Marx (1993), a estrutura e a superestrutura de uma sociedade estão relacionadas e, por vezes, definem os modos de ação do ser social. Portanto, a construção da modernidade nessa pesquisa será entendida de modo dinâmico, baseado nas modificações assumidas por esse

¹⁰ Estudos recentes sobre essa região e com ligações temáticas com a pesquisa aqui desenvolvida contribuíram de forma significativa para a fundamentação teórica e metodológica deste estudo, para reconstituição do contexto social da região e, bem como, para delimitação dessa temática. Teses de doutorado, dissertações de mestrado, artigos etc., foram analisados e, de forma direta ou indireta, ajudaram na construção dessa pesquisa. Entre os autores analisados, destacamos Paulo Henrique dos Santos Duque, Lielva Azevedo de Aguiar, Joseni Pereira Meira Reis, Maria de Fátima Novaes Pires, Maria Lúcia Porto Silva Nogueira, Maria da Conceição Souza Reis, Eudes Guimarães Marciel Barros, entre outros. Tais estudiosos contribuíram grandemente para a construção desse estudo e, por isso, meus sinceros agradecimentos ficam aqui registrados.

conceito no Alto Sertão da Bahia, região afastada dos grandes centros do Brasil republicano.

A promessa da construção de novos tempos no Brasil, com a Proclamação da República em 1889, proporcionou intenso burburinho nesses sertões. A partir desse evento, mudanças eram esperadas, especialmente por conta da descentralização dos poderes advinda da recém instalada República. Muito por isso, iniciou-se em Caetité um discurso progressista, pautado na modernização de diversos setores dessa sociedade.

O principal propagador desses discursos, o Jornal *A Penna*, surge oito anos após a proclamação da República e ele, por si só, já é considerado marco desse progresso e fruto da nova dinâmica que estava sendo implantada no Brasil. Marcelino José das Neves, por vezes, colaborador do *A Penna* com escrita e edições de textos, afirma que "se de pequenos êxitos parciais constituem-se os grandes resultados geraes e definitivos, o bom êxito d'A Penna é um argúrio feliz dos progressos da civilização".¹¹

João Gumes também entende o *A Penna* de modo similar ao de Marcelino Neves, colocando o seu jornal em um posto de difusor do progresso e, ainda, como um próprio marco da chegada da modernidade nesse local:

Quando fundamos A Penna em 1907, dissemos que considerávamos a imprensa um dos mais importantes factores do progresso social. [...] O princípio em que se apela o nosso modesto periódico é o bem, a paz e a felicidade de toda esta zona e, portanto, a reprovação do mal e de tudo quanto possa influir para a perturbação da ordem e para embaraço da evolução do meio e o seu progresso. [...] **Somos, pois, não os architectos do progresso, mas o concurso modesto e mínimo. [...] Somos o átomo invisível e só perceptível a razão o qual com outros iguaes, formam o todo visível, o tangível a vida de relação.**¹²

O *A Penna* constituiu-se como um dos importantes marcos desse progresso no Alto Sertão. Em seus escritos, habitualmente, João Gumes abordava a respeito da importância do jornal em uma região tão distante dos grandes centros,

destacando que o *A Penna* foi o primeiro jornal do Alto Sertão da Bahia¹³ e importante instrumento de luta e crítica às forças opositoras da chegada do progresso. Por isso, esse periódico é considerado como um dos instrumentos para a chegada do progresso nessa região. O já instalado jornal colocava Caetité em posição privilegiada na corrida pelo progresso e pela modernização.

Trazer o novo para esses sertões passava-se muito pela necessidade de ligar esse território aos centros mais civilizados do País. Para Gumes, essa ligação seria facilitada através da chegada da via férrea. Talvez principal objeto de crítica de João Gumes, a nunca chegada via férrea, foi assunto constante em suas produções. Antes de haver a possibilidade dessa chegada, Gumes criticava demasiadamente a falta de transportes e abordava sobre a necessidade de criar novos meios e de melhorar os poucos que existiam para, dessa forma, facilitar "as relações sociaes entre os povos, e assim a troca dos produtos e o meio de conduzir as machinas, motores, instrumentos e aparelhos necessários às industrias".¹⁴

Em *Os Analfabetos*, Gumes também aborda sobre a dificuldade de locomoção dos sertanejos. Os personagens de seu romance estão sempre em movimento, representando o processo migratório que tanto acontece nesses sertões. E são nessas migrações que Gumes problematiza a dificuldade encontrada pelo sertanejo ao tentar sair dessa região: são vários dias de viagem, a pé ou no lombo de animais, até chegar em outras regiões do País. Era necessário grande aparato de itens, tempo disponível e certa quantia de dinheiro para realizar qualquer tipo de viagem.

N'esse campo faziamos todo o caminho a pé, ou a cavalo, se tínhamos a felicidade de possuir um matungo. Percorriamos Minas Gerais em toda a sua extensão e, quando os viajantes não vinham reunidos em grupo, corriam o risco de serem assaltados em caminho por outros migrantes que, pouco dispostos ou nada ao trabalho, por meio do roubo, e até do assassinato, procuravam locupletar-se com o alheio.¹⁵

¹¹ GUMES, João. Ideais e Dificuldades. *A Penna*, ano VII, n. 142, p. 2, 5 mar. 1903.

¹² Programma. *A Penna*, ano I, n. 1, p. 1, 19 dez. 1911, grifo nosso. **Trecho que fornece a passagem do título dessa produção: "O Átomo Invisível".**

¹³ Idem.

¹⁴ GUMES, João. S. Francisco. *A Penna*, ano II, n. 38, p. 1, 15 out. 1898.

¹⁵ GUMES, 1927, p. 12.

Segundo Gumes, a saída para a melhoria nos transportes seria a chegada da via férrea nessa região. Além disso, a locomotiva traria o progresso para esses sertões e, por isso, Caetité deveria se alegrar e lutar para a vinda desse meio de transporte moderno. Um fato interessante relacionado a essa possível chegada foi a realização de uma festa em Caetité, no dia 14 de novembro de 1911, para comemorar a estadia do Engenheiro Dr. Antonio Rodrigues Gomes Ladeia nessa cidade, personalidade de frente da comissão de estudos do trecho da linha da Estrada de Ferro Central Bahia, que atravessaria grande parte de Caetité. Essa festa tomou boa parte da publicação do *A Penna* no dia 19 do mesmo mês e ano, ocupando metade daquela edição. Como chamada da manchete, o título "Festa do Progresso" se destacava com uma fonte acima do padrão e com todas as letras em maiúsculo, dando ênfase à magnitude daquele evento.

Para essa festa, convites foram distribuídos às pessoas mais bem colocadas da cidade de Caetité. Às "4 horas em ponto já desciam grandes grupos de cavaleiros que seguiam ao encontro"¹⁶ do citado engenheiro na entrada da cidade. Nem mesmo a chuva impediu o povo de acompanhar o engenheiro Antônio Ladeia até a sua hospedagem. "Em todo percurso estrondeavam fogos de baterias, grande número de gyrondolas".¹⁷ Ao chegar à residência, a "Lyra Caetetense" entoou "lindos trechos do seu rico repertório".¹⁸ Depois de tantas manifestações, Dr. Antônio, respondendo por toda comissão, agradeceu

[...] aquela manifestação e patenteando comovido o contentamento de que se possuía por achar-se no seio de seus pacíficos e cultos conteraneos e por ter a felicidade de colaborar para o progresso e felicidade do seu charo Caetité; Coroou brilhantemente a festa do progresso, o jantar ante-hontem oferecido á comissão de engenheiros.¹⁹

A "festa do progresso" teve fim na residência do Sr. Deocleciano Pires Teixeira, onde a comissão

foi recebida e servida com um jantar com todas as pompas possíveis, acompanhado ora pela "Lyra Caetetense", ora pelo piano do Sr. Mario Faria. O jantar ainda contou com uma decoração de arte muito delicada, segundo Gumes.²⁰ Pelo tamanho da recepção feita para os estudiosos da instalação da via férrea, constata-se de que maneira a população de Caetité enxergava esse evento – muito levado pelo discurso progressista passado –, especialmente, os mais abastados: havia o entendimento de que a locomotiva faria do progresso um dos seus passageiros e o conduziria para Caetité e para o Alto Sertão da Bahia.

Na edição do *A Penna* de 2 de outubro de 1924, mais de uma década depois da "festa do progresso", Gumes, não tanto entusiasmado quanto antes, aborda sobre os benefícios que a via férrea traria para essa região – o conformismo com as condições já existentes de progresso no Alto Sertão da Bahia começava a tomar conta das ideias do autor. Segundo ele, os benefícios seriam muitos, entre eles: ampliar os limites de Caetité e outras cidades, promover um avanço na indústria da pecuária e algodoeira e possibilitar que os bens agricultáveis dessa região fossem comercializados de maneira mais rápida com outras localidades.

De fato, as vantagens seriam muitas caso a via férrea fosse instalada no Alto Sertão da Bahia, porém, nesses escritos, o desânimo já toma conta de Gumes. Ao utilizar a partícula "se" e os verbos no futuro do pretérito, percebemos que Gumes já não acreditava nessa instalação e, por isso, as críticas ao governo da União e do Estado começaram a aumentar: "[...] a estrada de ferro muito virá nos auxiliar e assegurar o futuro econômico em proveito nosso, do Estado e da União. O que expomos merece uma séria e ponderada atenção dos dirigentes do paiz e do nosso Estado".²¹

¹⁶ GUMES, João. Programma. *A Penna*, ano 1, n. 1, p. 3, 19 dez. 1911.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ Ibidem.

²⁰ GUMES, João. Programma. *A Penna*, ano I, n. 1, p. 4, 19 dez. 1911.

²¹ GUMES, João. Viação Ferrea. *A Penna*, ano XIII, n. 328, p. 1, 2 out. 1924.

A luz da "civilização" no Alto Sertão da Bahia

A não chegada da via férrea, atrelada à ausência de estradas de rodagens decentes, dificultava a chegada de outro aspecto da modernidade: a caldeira, instrumento impulsor do motor que ligaria a energia elétrica em Caetité.²² Para Gumes, a caldeira

elevou-se á altura de um principio de progresso, de grandeza, de civilização, de felicidade local; que aquele mecanismo tornou-se lendário em nosso meio e que o vocábulo designativo dele devia torna-se corrente entre o nosso povo, mesmo corriqueiro, e que, se algum dia tivéssemos a ventura de receber nesta cidade tão aneado aparelho, seria isso um acontecimento notável que se inscreveria nos fatos de Caetité como uma das suas mais gloriosas conquistas; causaria um abalo, uma comoção superante a todos os abalos e comoções que temos experimentado desde tempos immemoriaes.²³

Dois anos se passaram até a instalação da energia elétrica no município. Mais especificamente, a inauguração desse marco do progresso caetiteense se deu no dia 20 de março de 1926.²⁴ Essa demora se deu por conta da falta de condições para o transporte do citado instrumento, advinda, especialmente, por falta de estradas de rodagens em boas condições e de meios de transportes que poderiam fazer esse deslocamento.

Gumes se revolta com essa situação e culpa os governantes pelo atraso existente nessa região: "O desanimo e atrazo vigentes não são devidos a outra causa senão á não realização das promessas feitas pelos nossos governos".²⁵ Em outra ocasião, Gumes aborda a maneira como a caldeira estava sendo transportada: carros de bois eram encarregados de tal transporte; devido ao peso, vários bois eram atrelados para proporcionar maior força e tração. As péssimas condições das estradas de rodagem dificultavam ainda mais esse processo, por isso, eram frequentes as pausas no transporte,

o que ocasionou em grande atraso, como visualizado. Gumes chega a citar que homens dispostos a criar fábricas e gerar empregos na cidade, desistiram da ideia por conta da dificuldade de transportar seus maquinários.²⁶

A companhia *Força e Luz*, liderada por Dr. Mário Spinola, foi a responsável pela instalação da energia elétrica em Caetité. A inauguração se deu em meio a grande festa popular, acompanhada de fogos e de música, como de costume nessa região. Naquele dia, os oradores afirmaram que a chegada da energia elétrica deu a Caetité "progresso e cultura".²⁷

Gumes era um entusiasta da energia elétrica. Em seus escritos, se mostrou maravilhado com a possível chegada da eletricidade nos sertões, em especial em Caetité. Já em 1901, na edição do *A Penna* de 20 de novembro, Gumes mostrou-se espantado com os testes que eram feitos com a energia elétrica ao redor do mundo; os resultados, segundo o autor, eram surpreendentes e causariam mudanças significativas na sociedade. Quando ele visualizou a possibilidade da chegada da energia elétrica em Caetité, comemorou e saudou esse evento do progresso em seus escritos, como visto nas reportagens do jornal e, também, no romance *Os Analphabetos*, no qual reservou importante espaço para falar do seu encantamento perante a energia elétrica:

Tudo ia sumindo-se no silencio e sombra da noite quando Zézinho foi surprehendido pela luz electrica que, como ao toque de uma fada accemdeu muitos focos no interior da habitação do coronoel e no pateo em diversos postes enfileirados em frente da casa. Para Zézinho aquillo era uma das mais suprehendentes maravilhas que os seus olhos já presenciaram.²⁸

Em *Os Analphabetos*, o primeiro contato do personagem Zezinho com a energia elétrica é uma analogia ao contato do simples sertanejo com os primeiros focos da eletricidade. Esse evento é, para Gumes, um importante marco da

²² GUMES, João. A Caldeira. *A Penna*, ano XIII, n. 326, p. 1, 4 set. 1924.

²³ GUMES, João. A Caldeira. *A Penna*, ano XIII, n. 329, p. 1, 16 out. 1924.

²⁴ GUMES, João. Caetité e Sua Iluminação Pública. *A Penna*, ano XV, n. 37, p. 1, 26 mar. 1926.

²⁵ GUMES, João. A Caldeira. *A Penna*, ano XIII, n. 329, p. 1, 16 out. 1924.

²⁶ Idem.

²⁷ GUMES, João. Caetité e sua Iluminação Pública. *A Penna*, ano XV, n. 37, p. 1, 26 de mar. 1926.

²⁸ GUMES, 2014, p. 169.

construção do progresso nos sertões, haja vista que a eletricidade forneceria aos sertanejos novas condições de existência, mais próximas da lógica do mundo contemporâneo. A eletricidade trouxe para o mundo intensas modificações econômicas, com a assunção de um novo modo de produção, baseado, sobretudo, na exploração de grande maquinário. Caso o Alto Sertão da Bahia não alcançasse essas modernas condições, sem dúvidas, ele não caberia na lógica do capitalismo contemporâneo. Com a instalação da caldeira, a luz do progresso começou a se acender nos sertões.

Imagem 1 – Igreja de Nossa Senhora Santana, Matriz de Caetité



Fonte: Autor desconhecido, s.d. Retirada do acervo digital do Arquivo Público Municipal de Caetité, exposição "Fragmentos Visuais", Eudes Marciel Barros Guimarães.

A exposição de Eudes Guimarães, citada acima, representa alguns fragmentos visuais do Alto Sertão da Bahia no início do século XX. Na foto escolhida (Imagem 1), o autor faz a seguinte descrição:

Esta fotografia, por sua vez, produzida depois da reforma da Catedral, revela uma mudança em relação à forma de fotografar, possibilitada, inclusive, pelo avanço dos recursos técnicos. Temos registradas, evidentes transformações físicas da cidade, mas podemos perscrutar as intenções dos produtores em mostrar tais transformações. Vemos uma praça completamente renovada e dinamizada. A monotonia sugerida em registros anteriores dá lugar a uma movimentação. O horizonte geográfico a se estender atrás dos edifícios diminui e novos ícones aparecem em cena, como a árvore e

o poste da rede de iluminação próximos ao prédio do Paço Municipal que, por sua vez, aparece muito mais destacado. A impressão é que as construções arquitetônicas tomaram uma dimensão muito maior na cena – os edifícios são supostamente maiores com as pessoas fotografadas num plano mais distante. Há muita gente na cena que não está ali por acaso, pois algum evento movimentava a praça. Não se pode dizer ao certo se se trata de momentos antes ou depois de uma missa, ou da preparação de alguma festividade religiosa. Nesta fotografia, a cidade se aproxima dos paradigmas de civilidade e urbanidade correntes na época, com a presença de elementos que compõem um cenário mais dinâmico.²⁹

O autor reforça as modificações estruturais que o Alto Sertão passou após o processo de instalação da energia elétrica. De fato, o cenário da cidade tinha se modificado com o acender da luz elétrica. Caetité, até então principal cidade dessa região, passava por um processo de povoamento e de adequação à nova lógica estrutural do século XX. Para uma cidade afastada das grandes capitais, além de ser símbolo da construção do progresso, a energia elétrica era uma importante conquista.

A linguagem literária, utilizada por Gumes para a escrita dos seus romances, muito difere da linguagem mais formal e sem muitos devaneios utilizada nos escritos das edições do *A Penna*. Nessa citação, conseguimos perceber a visão mais poética de Gumes perante o fato tão noticiado por ele em seu jornal, a chegada da energia elétrica. Essa diferença proporcionou uma análise dos diferentes campos de atuação de Gumes durante sua vida. O exemplo da energia elétrica mostra como o contato com as diferentes produções escritas de João Gumes auxiliou no processo de análise do *corpus* dessa pesquisa.

Recém-chegados, nunca chegados e já chegados. Os aspectos da modernidade na cidade de Caetité, Alto Sertão da Bahia, dividiram-se nesses três tópicos, seguindo os escritos de João Gumes. Naqueles que recém chegaram, a caldeira e a instalação da energia elétrica ocuparam grande espaço nos escritos de Gumes. Em contrapartida, a via férrea se estabeleceu no campo dos nunca

²⁹ Exposição fotográfica virtual, intitulada *Fragmentos Virtuais*. Produzida por Eudes Marciel Barros Guimarães, 2013, encontrada no site do Arquivo Público Municipal de Caetité. Disponível em: <http://www.arquivocaetite.ba.gov.br>. Acesso em: 20 março. 2020.

chegados. Talvez uma das maiores decepções de Gumes enquanto "escritor-cidadão", a estrada de ferro se consolidou com uma das principais causas defendidas pelo autor, uma vez que, segundo ele, a locomotiva seria a responsável por ligar o Alto Sertão da Bahia ao progresso. E, por fim, o campo dos já chegados, que foram também citados nos escritos de João Gumes e merecem aqui uma análise.

Os já chegados aspectos da modernidade em Caetité foram citados em artigos do Jornal *A Penna*, especificamente, próximo aos últimos anos de produção de João Gumes frente ao jornal. Tal fato mostra que Gumes passava em suas produções um discurso civilizador do progresso, colocando Caetité como centro da civilidade: "Em meio d'este amplíssimo Sertão, é Caetité o centro de mais real valor, que avança á passos agigantados para a alta vereda do progresso".³⁰

Porém, problematizações sobre esse suposto progresso acabam por surgir: a cidade de Caetité estava realmente em progresso ou esse discurso exposto foi uma resposta a tão citada ausência de investimentos governamentais? É válido lembrar que a via férrea não chegou nessa região por ausência de investimentos, como citado diversas vezes por Gumes.

Considerações finais

O artigo publicado em 23 de abril de 1925, assinado por Mozart David e intitulado "Caetité em Progresso", elenca os motivos que levaram a constatar que Caetité estava realmente em progresso. Mozart David cita a presença de empresas empreendedoras, a Catedral remodelada, o teatro elegante, vasto e confortável, a implantação da rede de água canalizada, a chegada da luz elétrica, "intensa e nítida", a imprensa, na figura de João Gumes e, por último, a sede do bispado presente nessa cidade.

Em outra publicação do *A Penna*, também em 1925, Antônio José Soares Teixeira, residente

em São Paulo, pede espaço no jornal de Gumes para falar do progresso em Caetité e fazer uma comparação ao progresso no grande centro onde morava. Segundo ele, Caetité pouco perde para a cidade de São Paulo, uma das maiores cidades do Brasil e espaço de grande desenvolvimento. Antônio Teixeira cita os pontos que comprovam sua tese, entre eles: o observatório meteorológico de Caetité, superior ao de São Paulo, a tipografia *A Penna*, igual a qualquer tipografia paulista, a instalação da luz elétrica, a água encanada, o "gigantesco teatro centenário", o grande relógio na torre da catedral central e, ainda, cita a possível chegada da estrada de ferro.³¹

As ideias expostas nesses dois artigos publicados por Gumes são praticamente iguais e os "marcos do progresso", estabelecidos pelos autores, são quase os mesmos. Como Gumes tem a tutela do jornal, percebemos que as publicações ali existentes contêm posicionamentos semelhantes ou iguais aos dele, uma vez que, por lógica, Gumes não publicaria algo que iria de encontro aos seus discursos. Na análise do *A Penna*, percebemos que Gumes defendia pontos de vistas que depois eram adotados por outros autores, esses que também ganhavam espaço no dito jornal a fim de dar uma credibilidade ainda maior à discussão.

Nesse mesmo ano, em 1925, o artigo publicado em dezembro e intitulado "O Progresso em Caetité e no Alto Sertão: possibilidade de seu aumento" traz ideias muito parecidas com as expostas por Antônio Teixeira e Mozart David. Agora quem assina é A. Seven. A única mudança em relação aos marcos estabelecidos pelos autores anteriores é a presença da Escola Normal, que seria reinstalada nesse município no ano de 1926. Os artigos escritos por A. Seven, Antônio Teixeira e Mozart David corroboram as análises feitas por Gumes sobre o progresso em Caetité e no Alto Sertão da Bahia. A não chegada da via férrea, símbolo máximo do progresso para João Gumes, modificou os seus entendimentos sobre a construção da modernidade nos sertões; agora,

³⁰ Caetité em Progresso. *A Penna*, ano XIV, n. 342, p. 1, 23 abr. 1925. Artigo assinado por Mozart David e publicado por João Gumes nessa edição.

³¹ O Progresso em Caetité. *A Penna*, ano XIV, n. 355, p. 4, 22 out. 1925. Artigo assinado por Antônio José Soares Teixeira e publicado por João Gumes nessa edição.

fazia-se necessário conformar com as condições modernas já existentes nesse território.

A frustração de João Gumes em relação aos "não chegados" marcos do progresso em Caetité era evidente. Por vezes, as críticas à falta de investimento governamental nesses sertões tomaram as páginas de suas produções escritas. Porém, com o passar dos tempos, as páginas de seu jornal foram ocupadas por um discurso de aceitação do progressismo e da "civilidade" já existentes em Caetité. A tentativa de Gumes em mostrar essa cidade como um centro civilizador e local de intenso progresso nesse Alto Sertão da Bahia fica evidenciada nas publicações de outros autores e nos seus escritos.

O idealismo evidente em suas produções na transição do século XIX para o XX é substituído pelo conformismo às condições existentes nessa região entre os anos de 1920 e 1930. O avançar da idade de João Gumes proporcionou uma aceitação daquilo que era palpável e visível aos seus olhos, fato observado na mudança de perspectiva de seus escritos e de suas publicações. As críticas ao governo e as solicitações de investimentos nos sertões foram, paulatinamente, cedendo lugar a exaltação de Caetité como centro de grande progresso no Alto Sertão da Bahia.

João Gumes morreu em 29 de abril de 1930. Até pouco antes dessa data, o autor continuava a escrever romances e a publicar o jornal *A Pen-na*, cumprindo com o papel de representante das práticas e dos costumes do Alto Sertão da Bahia que assumiu enquanto ainda jovem. As discussões sobre a modernidade e o progresso no Brasil e nos sertões tomaram significativo espaço em seus escritos. Gumes queria visualizar modificações e avanços em sua região. O progresso, aos poucos, se construía, porém, não da maneira desejada por ele. Nesses sertões, o progresso não percorreu os trilhos da via férrea, por esses não existirem; se construía, na verdade, nos lombos das mulas, animais que marcharam lentamente sob as danificadas estradas de rodagem desse Alto Sertão da Bahia.

Referências

AGUIAR, Lielva Azevedo. **Agora um pouco da política sertaneja**: a trajetória da família Teixeira no Alto Sertão da Bahia (Caetité: 1885-1924). 2011. 154 f. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus-BA, 2011.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009. 340 p.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história**: especialidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioratti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1973.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Dominios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas**: O Imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHALHOUB, S. História: **História e Literatura**: depoimento. [05 de maio de 2015]. Univesp TV. Entrevista concedida a jornalista Mônica Teixeira.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: ed. Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. São Paulo: Bertrand Brasil, 1988.

DIAS, Maria Odília Leite da Silva. Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. **Projeto História**: revista da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, n. 17, p. 223-258, 1998.

DUNN, John. The Identity of the History of Ideas. **Philosophy**, [S. l.], v. XLIII, n. 134, p. 85-104, 1968. <https://doi.org/10.1017/S0031819100008986>

FALCON, Francisco. História e poder. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion (org.). **Dominios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 61-89.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. *In*: PINSKY, Carla; LUCA, Tânia (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: contexto, 2009.

GUIMARÃES, Eudes Marciel Barros. **Um painel com cangalhas e bicicletas**: os (des)caminhos da modernidade no alto sertão da Bahia (Caetité, 1910-1930). 2012. 151 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2012.

GUMES, João. **Pelo Sertão**: narrativas de costumes rurais do sertão baiano; 1927. Transcrição.

Gumes, João. **Vida Campestre**: narrativa os costumes e hábitos dos lavradores do Alto Sertão Sul da Bahia, 1926.

Gumes, João. **Os Analfabetos**. Salvador: EDUNEB, 2014.

Gumes, João. **O Sampauleiro**: romance de costumes sertanejos. Salvador: EDUNEB/EDUFBA, 2018.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

LASLETT, Peter. **Introduction, in John Locke, Two Treatises on Government**. Cambridge, Cambridge University Press, 1960.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

REVISTA DO INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTÓRICO DA BAHIA. Número 58. Por: Pedro Celestino da Silva.

NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical**: sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

NEVES, Erivaldo Fagundes. Sucessão dominial e escravidão na pecuária do Rio das Rãs. **Sitiénbus**, Feira de Santana, n. 21, jul./dez. 1999.

NOGUEIRA, Maria Lúcia Porto Silva. **A norma dos bons costumes e as resistências femininas nas obras de João Gumes (Alto Sertão baiano 1897 a 1930)**. 2010. 178 f. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PIRES, Maria de Fátima Novaes. Hommes de Lettres na "Corte do Sertão": João Gumes e Escrita Social. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA – O Giro Linguístico E A Historiografia: Balanço E Perspectivas, 6., 2012, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: EdUFOP, 2012.

POCOCK, John. The History of Political Thought: A Methodological Enquiry. In: LASLETT, P.; RUNCIMAN, W. G. (ed.). **Philosophy, Politics and Society (second series)**. Oxford: Blackwell, 1962. p. 183-202.

REIS, Joseni Pereira Meira. **Instâncias formativas, modos e condições de participação nas culturas do escrito**: o caso de João Gumes (Caetité-BA, 1897-1928). Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2010. 195 f., enc., il.

REIS, Maria da Conceição Souza. **O Sampauleiro**: romance de João Gumes. Salvador, BA: S/D. Tese [Doutorado em Letras] - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

MENDES, Bartolomeu de Jesus. **Caetité**: a terra, a cultura e sua gente: subsídio para a história local. Caetité: Gráfica e Papelaria Caetité, 1996.

SANTOS, Helena Lima. **Caetité**: Pequeninina e Ilustre. 2. ed. Brumado/BA: Gráfica e Editora Tribuna do Sertão, 1995.

SANTOS, Paulo Henrique Duque. **Léguas tirana**: sociedade e economia no alto sertão baiano. Caetité, 1890-1920. 2012. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, em curso.

SKINNER, Quentin. The Limits of Historical Explanation. **Philosophy**, [S. l.], v. 41, p. 199-215, 1966. <https://doi.org/10.1017/S003181910005868X>

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1981.

Diego Raian Aguiar Pinto

Mestre em Ensino, Linguagem e Sociedade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus VI. Especialista em História do Brasil pela Faculdade Einstein (FACEI). Graduado em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Caetité, BA, Brasil, Campus VI. Graduado em Filosofia pela Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES). Professor da Rede Básica de Ensino.

Endereço para correspondência

Diego Raian Aguiar Pinto

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Avenida Contorno s/n

46400000

Caetité, BA, Brasil